

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Artes  
Departamento de Arte Dramática

TEATRO E POPULAÇÃO DE RUA: UMA POSSIBILIDADE DE RECONFIGURAÇÃO DA  
PEDAGOGIA TEATRAL NO NÃO-LUGAR DA RUA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



Créditos: Charlote Dafol

PÂMELA CASSIELE DA LUZ BRATZ

Porto Alegre, maio de 2022.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Artes  
Departamento de Arte Dramática

PÂMELA CASSIELE DA LUZ BRATZ

**TEATRO E POPULAÇÃO DE RUA: UMA POSSIBILIDADE DE RECONFIGURAÇÃO DA  
PEDAGOGIA TEATRAL NO NÃO-LUGAR DA RUA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado  
como requisito parcial para a obtenção de grau  
de licenciado em Artes Dramáticas pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador : Prof.Dr Celina Nunes de Alcântara

PORTO ALEGRE

2022

## **Agradecimentos**

Como estudante cotista, oriunda de uma família semiletrada, a qual nunca teve acesso à uma universidade, gostaria de iniciar a escrita deste trabalho de conclusão de curso saudando as políticas públicas de cotas para estudantes de baixa-renda e advindos de escola pública. Sem esta política pública não seria possível o meu ingresso em uma universidade pública, de acesso gratuito e de qualidade, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este fato é o que me tornará a primeira pessoa do meu núcleo familiar a ter um diploma de ensino superior. Pretendo deixar por intermédio deste texto uma espécie de legado da luta de minha mãe, mulher semiletrada, mãe solteira, que passou fome para comprar livros para que eu pudesse me educar e romper o ciclo de semi letramento e falta de acesso à educação, o qual a minha família (composta exclusivamente por mulheres do campo) foram submetidas. Apesar das dificuldades que uma estudante cotista enfrentou (deslocamento, extensa carga horária, conciliar trabalho com os estudos, compra de materiais...), são por essas mulheres e pelas que virão depois de mim que cada ano da graduação de Licenciatura em Teatro valeu a pena.

Gostaria de dedicar esta pesquisa a cada pessoa em situação de rua participante do projeto de extensão de Capacitação Para a Promoção da Atenção Integral à Saúde da População em Situação de Rua no SUS, sejam osicineiros pop.rua, bem como àqueles e àquelas que dedicaram seu tempo e generosamente participaram das nossas atividades artísticas-culturais, as quais a cada fala, cada sugestão e cada dúvida fomentaram meus conhecimentos em relação a arte de rua, assim como transformou profundamente a construção da minha identidade docente, dando-me certeza de que quero exercer o ofício de professora de Teatro voltado para a arte popular de cunho provocador e de transformação social. Aos coordenadores do projeto, professora Maria Gabriela Curuberto, e ao professor Roberto Amorim, pela elaboração de um projeto tão precioso, que possibilitou esta pesquisa.

Agradecer aos meus colegas de graduação: Tiago, Alessandra, Jardel, Roger, Leonardo, Hayline, Pedro Bertoldi, Ana Caroline de David por cada momento vivenciado no curso de Teatro, por cada momento de criação e experimentação artística e por terem acreditado e confiado no meu trabalho como atriz e pesquisadora. Ao Tiagão e ao

Leonardo, por cada conversa dentro e fora da universidade, onde buscamos que os nossos sonhos de um Teatro popular se concretizasse e posso dizer que a cada dia que passa, estamos chegando lá. Aos professores e professoras da graduação, Ana Cecília Reckziegel, Chico Machado, Mesac Silveira, Thiago Pirajira e tantos outros. Como futura professora, levarei cada pedaço de vocês, seja no palco, na rua, na sala de aula, em qualquer território onde se dá a aprendizagem. Aos meus mestres de Teatro, Danielle Rosa e Sandro Marques, que implementaram a semente e a crença de que é a arte popular que transforma realidades, que me inspiraram na empreitada de escolher o Teatro como meu ofício de vida, também me ensinaram as responsabilidades que isso envolve. A Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela, minha escola de vida, de arte e de luta, que me formou enquanto artista-militante-agitadora-provocadora-inquieta. Aos meus companheiros e companheiras de trabalho, Ana, Allan, Andrea, Douglas, Erick Flores, Ketelin, Lorena, Mérlin, Rafael Abreu, Ricardo, aos que passaram pelo grupo, e aos que chegarão.

Por fim, à minha orientadora, professora doutora Celina Nunes de Alcântara, uma grande inspiração como atriz e professora. Suas aulas e sua orientação neste trabalho foram de imensa preciosidade. Obrigada por acreditar nesta pesquisa, e orientá-la com tamanha generosidade e cuidado. Ao meu companheiro de vida, Tauã Bjerck, onde cada fala e cada troca alimentou este trabalho, tanto na escrita quanto na reflexão. Sua criatividade e seu amor me alimentam! E claro, à dona Maria Salete Apolinário da Luz, minha mãe, àquela que me criou e me estimulou, a primeira a me ensinar a importância de me engajar na luta por uma melhor realidade, e no ato de olhar para àqueles e àquelas que estão à margem e vítimas das injustiças sociais.

**Resumo:** O presente trabalho de conclusão de curso se propõe a refletir sobre a relação do Teatro, suas pedagogias e a população em situação de rua, a partir da experiência da aluna Pâmela Bratz, enquanto oficinaira do projeto de extensão da UFRGS intitulado: Capacitação para a Promoção da Atenção Integral à saúde da População em Situação de Rua no SUS. A aluna busca registrar alguns saberes que a população em situação de rua carrega consigo em relação a prática teatral, em uma tentativa de pensar o próprio Teatro para além de suas práticas usuais, na dinâmica das ruas e calçado em saberes populares de pessoas que querem ser reconhecidas enquanto autoras de suas histórias.

**Abstract:** The present course conclusion's work proposes to reflect on the relationship between Theater, its pedagogies and the homeless population, based on the experience of the student Pâmela Bratz, as a worker of the UFRGS extension project entitled: Training for Promotion of Comprehensive Health Care for the Homeless Population in the SUS. The student seeks to register some knowledge that the homeless population carries with them in relation to theatrical practice, in an attempt to think the Theater itself beyond its usual practices. in the dynamics of the streets and based on popular knowledge of people who want to be recognized as authors of their stories.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	
1. Práticas urdidas na coletividade.....	9
1.1. O Teatro que se articula com um grupo de pessoas em situação de rua...10	
1.2. Atividades elaboradas a partir da escuta .....	16
2. Quais saberes as pessoas em situação de rua demonstram ter em relação à prática teatral?.....	25
3. Como se dá a construção dos saberes artísticos no não-lugar da rua?	
REFERÊNCIAS .....	
ANEXOS.....	38

## Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso se propõe a contribuir para o debate acerca da importância da relação entre práticas artísticas e teatrais e a noção do autocuidado voltado para a população em situação de rua. Partirá da descrição de minha experiência como oficina de teatro e do convívio com alguns artistas em situação de rua, através do projeto de extensão - **Capacitação para a promoção da atenção integral à saúde da população em situação de rua no SUS** -, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A execução do projeto se deu através dos cursos da área da saúde, como Enfermagem, Fisioterapia, Saúde Coletiva, Serviço Social e Psicologia, dos cursos das áreas de artes, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, e também da Fundação-Escola de Engenharia da universidade (FEENG) que se encarregou de realizar o repasse de verbas referente ao pagamento dos bolsistas. Contou com a parceria do Ministério da Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), do Conselho Municipal de Saúde (CMS), da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), e da Escola Porto Alegre (EPA). A coordenação foi realizada pela professora do curso de Saúde Coletiva da UFRGS, Maria Gabriela Curuberto Godoy. A vice-coordenação ficou a cargo do também professor de Saúde Coletiva da UFRGS, Roberto Amorim, principal responsável pela elaboração e concretização das oficinas. O projeto foi idealizado no final do ano de 2017 através de uma equipe interdisciplinar, que envolvia profissionais da área da saúde, militantes do MNPR e professores da EPA. O projeto teve sua execução entre os meses de fevereiro até julho do ano de 2019.

O objetivo maior deste projeto de capacitação foi o de pensar e olhar a população em situação de rua a partir de suas potencialidades, de sua capacidade de promover o cuidado de si e dos outros, próximos do seu entorno ou de suas convivências. Para isso, os participantes do projeto deveriam investir em maneiras alternativas de estimular as pessoas em situação de rua a entenderem e a buscarem os seus direitos básicos de cidadão - acesso à saúde, moradia e educação - de maneira que as pessoas se sentissem parte ativa na busca pelos seus direitos, elevando a autoestima e a ideia de que é possível o autocuidado, para além das abordagens convencionais dos agentes de saúde, que desconsideraram os atravessamentos desta população e suas potencialidades, resultando muitas vezes no afastamento e na desconfiança da mesma. Na elaboração do projeto, a

coordenadora, professora Gabriela, em sua apresentação aos bolsistas, explicou que seriam ofertadas bolsas para os estudantes das áreas de saúde e de artes da UFRGS e também para pessoas que já estiveram, ou ainda se encontravam em situação de rua. Estas pessoas foram indicadas pelos seus serviços de referência (CRAS, CREAS, CAPS)<sup>1</sup>, para que, juntos, fosse possível trabalhar na perspectiva do “encontro entre pares” - indivíduos que estiveram ou ainda estão em trajetória de rua, educando os seus iguais -, e na “competência cultural” que é a capacidade de traduzir informações de maneira acessível a um determinado grupo social (CURUBERTO, 2019)<sup>2</sup>.

Portanto, o projeto contaria com dois tipos de bolsistas: **os bolsistas UFRGS, e os bolsistas Pop.Rua** (modo como os participantes em situação de rua se autodenominavam). Os estudantes da UFRGS da área da saúde seriam os bolsistas UFRGS e as pessoas em situação de rua que iriam realizar as abordagens ligadas ao autocuidado em saúde, seriam os agentes pop.rua. No que dizia respeito à parte artística do projeto - o foco de discussão deste trabalho – os estudantes de artes da UFRGS seriam os oficinairos UFRGS, e as pessoas em situação de rua, oficinairos pop.rua. A população em situação de rua deveria então ser pensada a partir de suas potencialidades e não desde suas faltas, dificuldades, pobreza.

Convém frisar que o trabalho com as oficinas foi uma pequena parte do projeto, cuja finalidade era a de trabalhar a expressividade das pessoas em situação de rua e elaborar atividades artísticas como ferramentas que propusessem um diálogo alternativo, possibilitando que essas pessoas buscassem compreender o projeto de maneira mais acessível, **a partir do afeto e da amorosidade**, dentro de uma perspectiva freiriana de valorização dos diferentes saberes, e a construção de um diálogo horizontal, recíproco, de fala e escuta que possibilitasse tomadas de consciência. Foi nesta parte do projeto de capacitação - nas oficinas – onde ao trabalhar com as artes com a pop.rua e para a pop.rua que a ideia desta pesquisa para a elaboração do meu projeto de conclusão de curso nasceu. Neste sentido, quero me debruçar sobre as experiências artísticas do projeto, como futura professora de Teatro, que repensou a sua identidade docente ao entrar em contato com a

<sup>1</sup> – Centro de Referência da Assistência Social, Centro de Referência Especializado de Assistência Social e Centro de Atenção Psicossocial, respectivamente.

<sup>2</sup> - Extraído da fala da professora Maria Gabriela Curuberto Godoy, durante encontro entre oficinandos e agentes UFRGS, em março de 2019.

população em situação de rua, e que a partir desse contato, percebeu que as pessoas em situação de rua, possuem saberes artísticos, mesmo sem terem tido contato com nenhuma formação acadêmica. Portanto, pretendo mostrar o modo como as perspectivas e contribuições trazidas para o trabalho pelosicineiros pop.rua podem transformar a pedagogia teatral nas ruas e fora delas, sobretudo porque esta transformação se dá de maneira dinâmica, a partir dos saberes dos artistas e dos espectadores da pop.rua.

Entendo que o projeto foi de suma importância para a capacitação dosicineiros pop.rua, para a promoção saúde da população em situação de rua e como uma prática extremamente necessária para a seguridade dos direitos sociais destas pessoas. Acredito também que o projeto colaborou para com a democratização do espaço universitário, ao abrir portas para a heterogeneidade da população de rua e aos saberes que esse grupo carrega. Buscarei trazer nesta análise os indícios dessas contribuições, bem como o modo como transcorreram essas relações, que ao meu ver, foram de afetação recíproca, e ainda seguirão reverberando tanto em mim, quanto nos meus colegas da UFRGS, nosicineiros pop.rua e quiçá, nas pessoas que participaram das atividades artísticas-culturais por nós produzidas. Neste sentido, falar da arte e da metodologia desenvolvida e trabalhada pelosicineiros pop.rua junto com osicineiros UFRGS, faz-se imprescindível para pensarmos novos mecanismos para produzir Teatro e Arte de modos mais acessíveis. Pensar o Teatro enquanto ferramenta política, e o quanto destes saberes da pop.rua podem ser trabalhados nas instituições e nos espaços escolares.

Adiante, apresento algumas informações sobre o projeto de capacitação que me foram disponibilizadas, mas que apresentam dados importantes sobre as realizações artísticas que contemplaram algumas pessoas em situação de rua. Isto já faz pensar na diferença que as artes puderam promover no cotidiano desta população. Nos referidos anexos, compartilharei uma tabela com as atividades artístico-culturais-pedagógicas realizadas durante o projeto, bem como uma galeria de fotos, registros dessa experiência.

## **1. Práticas urdidas na coletividade**

### **1.1 O teatro que se articula com um grupo de pessoas em situação de rua**

Em meados de 2017, na Escola Porto Alegre, situada na rua Washington Luiz, nº 203, no bairro Centro Histórico de Porto Alegre, um grupo de pessoas se reuniu para debater a construção de um projeto de extensão oferecido pela UFRGS, em parceria com o Ministério da Saúde. Este projeto teria por objetivo investir na abordagem de pessoas em situação de rua, para que pudessem ter acesso à educação e o cuidado de sua saúde e bem-estar. A ideia do projeto era de encaminhamento das pessoas desta população que possuíam problemas de saúde para o Sistema Único de Saúde, e assim, poderem promover um autocuidado e de certo modo, uma melhor condição nas suas vidas, considerando que a população de rua tem sido inviabilizada nas políticas de Estado e vive em condições extremamente precárias. Este grupo de pessoas era composto por uma equipe interdisciplinar que contou com um representante da Secretaria Municipal da Saúde, do Conselho Municipal de Saúde, representantes da UFRGS, representação da Escola Porto Alegre e representantes do Movimento Nacional da População em Situação de Rua. Dessa reunião e do desejo destas pessoas, nasceu uma comissão participativa para encaminhar a concretização do projeto. Em 2019 nasce então, o projeto de Capacitação Para a Promoção da Atenção Integral da Saúde da População em Situação de Rua no SUS, que ficaria ou à cargo da professora Maria Gabriela Curuberto Godoy, professora do curso de Saúde Coletiva da UFRGS, como coordenadora geral do projeto, e do também professor de Saúde Coletiva Roberto Amorim, como vice-coordenador, e principal responsável pela elaboração de oficinas artísticas, que funcionaram como uma ferramenta de complemento para abordagem das pessoas em situação de rua.

Para abarcar um segmento tão complexo da população, a de rua, o projeto deveria considerar as particularidades que implicam o cotidiano desta população. Para

além de debater, era necessário que a população de rua estivesse presente desde a primeira atividade a ser realizada. O representante do MNPR, apelidado “Beijo”, reivindicou que para que esta participação pudesse acontecer, a equipe pop.rua deveria ganhar uma bolsa com um valor equiparado ao dos estudantes da UFRGS, pois a pop.rua também iria estar contribuindo com os seus saberes sociais, a ruaologia, que segundo o participante do Jornal Boca de Rua, Anderson Machado, é a ciência de quem vive nas ruas. Mesmo sem terem passado por uma formação acadêmica, os saberes sociais da pop.rua foram um aspecto fundamental para que se pudesse estabelecer um diálogo com a pop.rua, visto que as abordagens convencionais de agentes de saúde com a pop.rua foram apontadas pelo próprio Beijo e seus colegas do MNPR como pouco, ou nada efetivas. Ocorre que práticas usuais de uma educação em saúde aos moldes da educação bancária em depositar uma chuva de informações para o seu ouvinte gerava o afastamento, a desconfiança e até mesmo um sentimento de inferioridade da pop.rua. Era necessário então, romper estes paradigmas tão tradicionais e ao mesmo tempo, investir num encontro entre pares e em abordagens que utilizassem a arte como aliada, onde o seu poder de sensibilização dos corpos, e de ativação dos sentidos pouco estimulados como o tato, o paladar e o olfato, por exemplo, pudessem promover um diálogo calcado na troca, e no respeito àquele a quem iríamos nos dirigir. O projeto delineou-se desde o primeiro momento, como um espaço construído a partir das vontades e dos desejos da pop.rua. Além do aspecto financeiro, que buscou que a pop.rua pudesse receber uma renda que auxiliasse nas necessidades do seu dia-a-dia, o projeto trabalhou com o protagonismo desta população: mostrar aos envolvidos uma pop.rua abordada pelo viés da potencialidade, não o da negação. Apontar esses indivíduos como sujeitos sociais que produzem saberes e abrir espaços para que estes saberes pudessem ser compartilhados.

São as ações empreendidas ou não pelos governos que deveriam estabelecer condições de equidade no convívio social, tendo por objetivo dar condições para que todos possam atingir uma melhoria de qualidade de vida compatível com a dignidade humana. (MATOS, apud BONACINA, 2018).

Na metade do ano de 2018, a UFRGS lançou oficialmente o edital para que os estudantes pudessem se inscrever e aguardar o processo seletivo. Através da indicação de uma colega da Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela, grupo de teatro popular da cidade de Porto Alegre do qual eu era integrante na época e sou até hoje.

Decidi me inscrever, pois o fato de estar participando de um grupo de teatro popular que já trabalhava com o teatro de rua, somado ao meu desejo de me formar como uma professora que trabalhasse com pedagogias alternativas, fizeram com que eu me identificasse com a proposta do projeto. A entrevista consistiu em dois momentos: responder perguntas sobre se já tivera experiência ou não com população de rua, e a proposição de uma atividade artística voltada para esta população. Neste momento, a professora Gabriela explicou aos entrevistados que este projeto teria um viés de forte engajamento político social, já que ele se proporia a sanar minimamente as necessidades da pop.rua, estimular o seu autocuidado e o acesso aos direitos básicos de saúde e educação. Àqueles e àquelas que fossem selecionados, caberia elaborar atividades artísticas a partir dos recursos que o projeto iria financiar, considerando que cada movimento do projeto contaria com a prestação de contas ao Ministério da Saúde. Quando saiu a lista de selecionados percebi que não obtive uma pontuação muito boa, o que me frustrou bastante. Após algum tempo, aconteceram muitas desistências, e 2 meses depois, a professora Gabriela entrou em contato comigo me oferecendo uma vaga, a qual aceitei de pronto e em fevereiro de 2019, passei a integrar o projeto.

Neste primeiro encontro, foi retomada a prioridade sobre a necessidade da construção de uma metodologia que valorizasse os saberes sociais da pop rua, além de considerar a rua como um ambiente de possibilidades de relações pedagógicas, onde o debate entre saúde e a prática artística estivessem entrelaçadas. Em função disso, tivemos o desafio e a responsabilidade de pensarmos a rua para além de um espaço de circulação, ou como algo que esteve sempre lá. Tivemos de pensar e nos relacionar com a rua a partir das dinâmicas que ela oferece e há muito o que aprender sobre estas dinâmicas com a pop.rua. De que maneira isso foi possível? Do meu ponto de vista como atriz, estudante e pesquisadora, que possuía esta relação com a arte como um campo do conhecimento, o desafio se deu na construção e concretização das oficinas. Na faculdade, ao lado de colegas artistas da graduação, era comum a elaboração conjunta de atividades artístico-pedagógicas, para estudantes do ensino fundamental, médio, e até mesmo para a própria turma. No entanto, como seria possível a construção de uma metodologia junto com a pop.rua? Como seria a relação destas pessoas com a arte, visto que muitas das pessoas em situação de rua possuem pouco ou quase nenhum vínculo com a formação escolar?

Em março de 2018, na Escola Porto Alegre, realizamos o primeiro encontro com os futuros agentes de saúde pop.rua, e os oficinairos pop.rua. Seguindo a tradição do círculo, como uma disposição no espaço em que todos podem se enxergar olho no olho, a professora Gabriela apresentou a ideia do projeto, o cronograma, e o número de atividades necessárias para serem desenvolvidas. A pop.rua foi tomando rostos, corpos e identidades à medida em que este encontro aconteceu. Reunidos a parte, os oficinairos UFRGS: Ana de David, Ana Eberhardt, Bruno Fraga, Henrique Pascoal, Ketelin Abbady, Mayura Mattos, Suzane Cardoso e eu, fomos apresentados aos oficinairos pop.rua: Ale Rocha, Alex Silva, Darcy Vieira, Rodrigo “Digão” e “Peninha”, pessoas essas que viriam a se tornar meus mestres. Ouvimos suas trajetórias, e suas relações com práticas artísticas: o Alexandre era professor de capoeira, o Alex possuía muitos contatos com a pop.rua através dos albergues e abrigos que frequentou, o Darcy trabalhava como musicoterapeuta em um CAPS na Zona Norte, o Digão sabia tocar percussão além de confeccionar tranças afros e o Peninha que tinha conhecimentos sobre redução de danos, além de saber indicar postos de saúde que acolhiam a pop.rua. Neste primeiro contato, já tínhamos um arsenal de possibilidades de atividades que poderiam ser construídas, além de contar com o aporte dos oficinairos pop.rua para pensarmos os territórios onde essas atividades poderiam acontecer, e pessoas que poderiam participar.

Após esse primeiro encontro ficou acordado que toda a equipe (coordenadores do projeto, agentes de saúde UFRGS, agentes de saúde pop.rua, oficinairos UFRGS e oficinairos pop.rua) iríamos nos encontrar quinzenalmente para assistirmos à palestras com temáticas pertinentes ao contexto da pop.rua, tais como prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, combate ao racismo, população LGBTQIA+ em situação de rua, mulheres em situação de rua, e políticas de redução de danos. Esses encontros aconteceram no prédio amarelo da UFRGS. Em cada encontro, um convidado especialista nessas áreas, a convite da professora Gabriela, realizaria uma palestra, depois, abriria-se para um debate com todos os presentes. Após vinha o momento do lanche, que era sempre oferecido pelo coletivo “Amada Massa”, uma padaria composta por pessoas em situação de vulnerabilidade social, como uma fonte de renda e de reparo social. Nos momentos finais, agentes de saúde pop.rua e UFRGS reuniam-se para pensar os territórios de abordagem, e os oficinairos pop.rua e UFRGS por sua vez, pensar nas atividades artísticas para o território que iria ser escolhido.

A ideia dos territórios, de acordo com a professora Maria Gabriela, está conectada a ideia de identidade do grupo social que o habita, portanto, era necessário interpretar a realidade social do núcleo que ali se apresentaria, valorizar o seu estilo de vida, e promover um diálogo baseado na escuta e na generosidade em compreender o que a pessoa abordada traria sobre o seu território. A participação junto aos territórios nos ajudaria a entender, nas nossas **práticas**, a partir da experiência com as pessoas que deveríamos atender. O intuito era nos fazer pensar como trabalhar as atividades artísticas naquela região, a heterogeneidade dos participantes, seus estilos organizacionais, suas crenças e seus modos de sobrevivência. **Foi estipulada uma espécie de troca: os bolsistas UFRGS da área da saúde, investigariam, debateriam e compartilhariam informações acerca dos direitos das pessoas em situação de rua. Os agentes pop.rua, a partir de suas experiências vividas nas ruas, pensariam em estratégias alternativas na abordagem de seus pares. Juntos, os bolsistas UFRGS e pop.rua entrariam em contato com os locais que trabalhavam com a pop.rua, para pensar em atividades. Após este contato, encaminharia para os oficinairos UFRGS e pop.rua, e estes, por sua vez, se encarregariam de pensar e concretizar a parte artística. Foram práticas estas, urdidas na coletividade.**

Passado esses primeiros momentos de encontro com a equipe em geral, nós oficinairos UFRGS e oficinairos pop.rua, nos encontramos para construir nossas atividades artístico-culturais, com a supervisão do professor Roberto Amorim. Foi-nos repassado que a meta do projeto era de abordar ao todo 650 pessoas em situação de rua com nossas atividades. Toda vez que fossemos aos territórios, entre 2 a 3 agentes de saúde UFRGS e agentes pop.rua nos acompanharia, para nos dar suporte e se encarregar da coleta de assinaturas dos participantes, além de fornecer as informações necessárias sobre os postos de saúde, suas localizações e o modo de acesso, de acordo com o relato da pessoa abordada. Nossas reuniões entre oficinairos, se deu em espaços variados: algumas no Departamento de Arte Dramática da UFRGS, o DAD, outras no prédio amarelo da UFRGS, próximo à sala de Teatro Qorpo Santo e a Sala de Cinema Redenção, e outras nas ruas, para ensaiarmos e experienciarmos através de nossas práticas, a dinâmica das ruas.

Nesses encontros entre oficinairos, os oficinairos pop.rua, alegaram que as pessoas em situação de rua demonstram uma certa desconfiança quando abordadas, pois o panorama geral em relação a esta população, é de estigma, mistificação e preconceito. A

população em situação de rua é descrita a partir da negação, ou seja, a partir da ausência da posse de bens materiais e culturais, e não como um conjunto complexo multifacetado, que possui cultura e estilos de vida próprios, singulares, de acordo com a maneira com que se organizam em determinado território.

Ao contrário do estigma criado, alimentado e difundido por rótulos pejorativos para aqueles que têm nos espaços públicos sua sociabilidade e formas de subsistência, a população em situação de rua apresenta perfis distintos, compondo uma heterogeneidade incapaz de ser definida com modelos pré-estabelecidos. Ao entrar em contato com a diversidade nas ruas, é possível notar o potencial que esta população carrega consigo, seja em termos artísticos, culturais, ideológicos e históricos, paradoxo que se instala frente à conjuntura de ideias vigentes no meio social. (SILVA, SILVESTRINI, AVELAR e OLIVEIRA, 2015, p.73)

Existem dados em comum: a maioria das pessoas em situação de rua são jovens negros. Como diz a coordenadora, professora Gabriela, **a rua tem cor**. Os dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) datados de 2008, mostraram que 53% das pessoas em situação de rua são negras, sendo a maioria homens dos 26 aos 35 anos. A discriminação de classe e de cor, complexifica a resistência e a sobrevivência dos corpos negros nas ruas, se considerarmos que as escassas políticas públicas que contemplam a população de rua, não tratam o aspecto da cor com a devida relevância. O racismo institucional (ALMEIDA, 2019) viola, e tem violado cada vez mais os jovens negros, nas ruas, nas periferias e até mesmo nos centros urbanos. No Brasil de 2019, a mortalidade dos negros se encontra em 71%, muito maior que a sua representação no país. Em 2020, com a crise sanitária mundial, ocasionada pela pandemia da Covid-19, estimou-se que nas grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, o crescimento da população em situação de rua atingiu o percentual de 31%. Agrava-se o fato de que a prática da quarentena é inviável para quem mora na rua, bem como as campanhas de vacinação que não levam em consideração as necessidades individuais e complexas deste grupo social. Além da Covid-19, doenças infecciosas tais como a tuberculose e o HIV, também atinge massivamente as pessoas em situação de rua, resultando em altos índices de contágio e de mortalidade.

No artigo “O pacto branco e a maldição da mediocridade”, de Djamilia Ribeiro (2019), a autora fala sobre o “pacto narcísico da branquitude”, termo cunhado por Maria Aparecida Silva Bento, que ajuda a pensar o quanto a exclusão e a inviabilização

promovida pelos brancos sobre os negros, contribuem para que esta população seja rejeitada em todos os estamentos sociais:

(...)um acordo silencioso entre pessoas brancas que se contratam, se premia, se aplaudem, se protegem(...)A sacada de Cida Bento em trazer Narciso para pensar a branquitude nos oferece um horizonte de possibilidades. No reflexo Narcísico, pessoas brancas vivem num mundo onde a sua imagem é representada de forma avassaladora. Na televisão, nos jornais, nas redações(...)nas festas coloniais da Bahia a cor é branca e não choca. Aliás, isso sequer é questionado, ao passo que quando uma pessoa negra ativa entra no recinto que “não lhe pertence”, passa a ser notada por todos, muitas vezes com exotização, muitas vezes com incômodo. (RIBEIRO, 2019, in <https://www.geledes.org.br/o-pacto-branco-e-a-maldicao-da-mediocridade-por-djamila-ribeiro/>)

Pensando nas dificuldades, nos perigos e nas vulnerabilidades em que a população em situação de rua é submetida, às práticas artísticas de dança, teatro, música, capoeira, grafite foram apontadas pelos agentes e oficinairos pop.rua como possibilidades terapêuticas e promotoras de saúde: as artes, pela sua lógica sensível, atingindo a pluralidade dos corpos através dos sentidos, estabelecendo um diálogo alternativo que pode resultar na mudança de percepção das pessoas em situação de rua, acerca da **necessidade do autocuidado e do cuidado do outro**. Além disso, o campo artístico é um espaço fértil para a expressividade humana, fomentando narrativas e escuta do cotidiano da pop.rua - narrativas essas infelizmente negligenciadas pela leitura social a elas atribuídas em virtude das narrativas hegemônicas que são branco, cis-hétero, capacitista, etarista, normativas. Já o conteúdo destas atividades, as esquetes teatrais, por exemplo, que tem como mote criativo a pauta da saúde da pop.rua, contribui para a tomada de consciência acerca dos problemas e para pensar modos de reivindicar ao Estado políticas públicas que fazem jus às necessidades específicas, onde a participação da população em situação de rua se faz imprescindível. Todavia, para que estas produções pudessem contemplar os territórios e a participação das pessoas, se fez necessário levar em conta algumas especificidades, tais como: saber ler e escrever, a condição de estarem ou não em tratamento por transtornos mentais, a utilização de medicamentos contra o vício de álcool e/ou drogas, o que requereu desafios e a atenção e escuta duplamente redobradas.

A partir do convívio com os oficinairos da pop.rua, fui percebendo a ressignificação de práticas artísticas culturais, cultuadas ao longo dos anos, sendo adaptadas para a população em situação de rua, de acordo com suas realidades e seus atravessamentos e isso me impulsionou a pensar o quanto esta experiência em conjunto, como oficinaira de teatro ao lado de oficinairos da pop.rua, impactou a minha trajetória enquanto professora do teatro. Que aprendizados dessa relação com a população de rua posso levar para que contribuam com a reestruturação de atividades teatrais nos espaços acadêmicos e institucionais que me ajudam também a pensar o próprio Teatro? Para mim esta é a questão central a ser problematizada nesta análise.

## **1.2 Atividades elaboradas a partir da escuta**

Lá vem o CAPS querendo se aproximar, lá vem o CAPS mas não é pra ti internar...O CAPS é carnaval, e alegria, promovendo a saúde pra autoestima melhorar. Banho tomado, ficar bem alimentado, com o cabelo cortado, bem na foto vai ficar(Marchinha de carnaval elaborada pelos oficinairos UFRGS e oficinairos pop.rua).

Ao longo de todo o projeto, os oficinairos UFRGS, junto com os oficinairos pop.rua ofereceram 25 oficinas artístico-culturais, compostas pelo “Desfile do Bloco C.A.P.S (Carnaval, alegria e promoção da saúde)”, “Sketch da Tuberculose”, Oficina de Embelezamento e Autocuidado, e Oficina de Capoeira, e “Oficina de escuta sensível do corpo”. Essas atividades foram realizadas em CAPS, em praças à céu aberto, na Escola Porto Alegre e embaixo de viadutos do Centro Histórico de Porto Alegre, onde se concentrava um grande número de pessoas em situação de rua. Normalmente, algumas atividades eram realizadas ao mesmo tempo em que ocorriam ações como o “Prato Feito nas Ruas” e o “Banho Solidário”. Abaixo, explicarei brevemente no que consistiram essas atividades, e como se deu os seus processos criativos, acompanhada de uma tabela para melhor ilustração. Na parte dos anexos, deixarei uma tabela mais completa, com mais minúcias sobre essas atividades.



Oficineiros UFRGS e pop.rua durante o "Bloco C.A.P.S. na praça Souza Gomes. Crédito: Ana Caroline de David.

### O Bloco C.A.P.S:

Posso dizer que a nossa primeira criação artística-performática, foi o nosso Bloco C.A.P.S. (Carnaval, Alegria e Promoção da Saúde). O bloco CAPS nasceu em uma conversa que tivemos nos bancos próximos à Faculdade de Educação da UFRGS(FACED), após um dos encontros quinzenais que tivemos com toda a equipe. Nesta "conversa informal", oicineiro Alex Silva e Ale Rocha nos contava como até mesmo o CAPS, que apesar de trabalhar com artes como música, pinturas, e alguns com oficinas de teatro, causava um certo temor nas pessoas em situação de rua. Tudo porque o modo como a pop.rua era abordada, acabava gerando desconfiança e mal-estar. Em algumas abordagens, Alex Silva contou que seus amigos não tinham espaço para falar sobre suas necessidades, e que se sentiam enxergados como "drogados, mendigos, que estavam nas ruas porque queriam". Abordagens como essa, que não promovem uma fala

e escuta recíproca, fizeram com que muitas pessoas da pop.rua desistam de buscar tratamento para suas necessidades em saúde. Muitos também temem a forma como serão tratados nos postos de saúde, devido ao preconceito. A oficinaira UFRGS Mayura Matos apontou que podíamos justamente usar essa ideia do CAPS, mas ressignificá-lo através de alguma prática artística. Como as atividades seriam realizadas na rua, achamos melhor iniciar com música, devido ao seu forte caráter agregador e rápida assimilação. A Escola Porto Alegre poderia emprestar instrumentos, pois na escola eles também trabalhavam com música, além de serem parte da comissão do projeto. Os oficinairos pop.rua sabiam tocar instrumentos, eu e mais duas colegas também, então, considerando a rua como um espaço público, que deve ser acesso de todos, veio a ideia de montar um bloco de carnaval. O carnaval, pelo seu caráter popular-festivo, de raízes afro-brasileiras, onde poderíamos pensar em abordar a pop.rua através da festividade, da celebração e da alegria, ao falarmos do cuidado em saúde, e ouvir suas demandas. Sugeri que poderíamos usar a sigla do CAPS, mas denominá-lo como “Carnaval, Alegria e Promoção da Saúde”, como uma maneira de conseguirmos nos aproximar sem gerar desconfortos ou desconfiança. A ideia foi aceita: fomos, o professor Roberto, junto com toda a nossa equipe de oficinairos, até a EPA, pegamos os instrumentos e juntos, elaboramos as músicas, paródias de marchinhas de carnaval populares, mas com um conteúdo que fala sobre a saúde (tratamento da Tuberculose, de doenças sexualmente transmissíveis), redução de danos (álcool e drogas), autocuidado e autoestima da pop.rua. Em março de 2019, na própria EPA, junto a uma atividade do “Banho Solidário”, o Bloco CAPS fez sua primeira apresentação. Durante os ensaios, enquanto passávamos as músicas, os estudantes da EPA, junto às pessoas em situação de rua que estavam lá para participar do Banho Solidário, se propuseram a tocar também e aprender as músicas. Formamos então um grande espaço, com bastante percussão, alegria e debate em saúde. A pop.rua se mostrava pelas suas potencialidades artísticas, tocando um instrumento, aprendendo e memorizando as letras, impostando a voz, entrando e propondo ritmos. Através do Carnaval, criamos uma comunidade momentânea, embalada pelo ritmo e pelo desejo de buscar conhecimento, cuidar de si e cuidar do outro. Nas outras atividades que realizamos, o nosso bloquinho ficou famoso. No viaduto do Brooklyn, por exemplo, as pessoas em situação de rua que lá se encontravam já nos conheciam, e pediam para participar, para tocar e assistir. Era comum no final destas atividades, se formar espontaneamente uma roda de samba, coordenada pelo Digão, onde o pessoal tocava o repertório que sabia. O viaduto se tornava um espaço de partilha, de música e de encontro.

## Sketch da “Tuberculose”

Um tema muito recorrente quando se fala em pop.rua e cuidados em saúde é o tratamento contra a Tuberculose. A contaminação aumenta assombrosamente quando chega o inverno, considerando a imunidade baixa e os problemas respiratórios daqueles que ficam expostos nas ruas, além do aumento da procura por albergues e abrigos. A prefeitura, ao desconsiderar essa problemática, se nega a ampliar as vagas (inclusive muitos albergues foram fechados), o que gera aglomerações e insalubridade no ambiente. A falta de cuidados com a pop.rua faz com que muitos padeçam desta doença, além de outras doenças respiratórias, e problemas com a fome e o frio. O Posto Santa Marta oferece o Consultório na Rua, que além de abordar a pop.rua, a conduz para o tratamento dessas doenças, e atendimento em saúde em geral. Para disseminar essa informação, além de debatermos como se dá a prevenção contra a Tuberculose, criamos em conjunto com osicineiros pop.rua, a “Sketch da Tuberculose”. Com a temática trazida por eles, apresentamos a técnica do “Teatro-Fórum”, de Augusto Boal, que contava com um diálogo aberto com a plateia, rompendo a barreira que separa atores e espectadores, além da participação ativa da plateia, que podia colaborar com perguntas (BOAL, apud Bertão, LIMA, DUARTE, 2017). Através da organização dosicineiros pop.rua que já frequentaram o serviço do Consultório nas Ruas, agendamos apresentações em postos de saúde, e também nas ruas. Os acessórios, adereços e figurinos seriam simples e bem coloridos, para chamar a atenção e proporcionar uma rápida compreensão das personagens e da temática. O objetivo dessa atividade, foi o de debater com a pop.rua os perigos da Tuberculose, os focos de contaminação e modos de prevenção e tratamento, além de ouvirmos as informações que eles possuíam, e sanar quaisquer dúvidas que poderiam surgir.

Como o projeto contava com recursos para a compra de materiais, solicitamos materiais para a confecção de cartazes, tinta para pintura corporal, algumas maquiagens e adereços para a confecção de tranças. Alguns oficinairos da UFRGS também levaram o que tinham em casa, para efetivarmos uma atividade voltada para a prática do autocuidado e autoestima, através do embelezamento. Os oficinairos pop.rua trouxeram a inquietação em relação à pop.rua não ter acesso à recursos que possam promover melhor autoestima. Era como se estivessem fadados a sobreviver com “os restos que os outros dão”. Muitas vezes não eram admitidos em alguns espaços por estarem maltrapilhos, como se fosse uma escolha deles, e não uma imposição de um sistema que promove a exclusão e a invisibilização desta população. Portanto, organizamos essa oficina, no intuito de promover um pouco desse cuidado, além de elevar a autoestima dos participantes. Solicitamos ao projeto também alguns produtos de higiene, para que os aparatos utilizados pudessem ser devidamente higienizados e não expor a saúde dos participantes, e kit's com preservativos e lubrificantes masculinos e femininos, acompanhados de uma folha com informações sobre combate e prevenção às DST's. O Digão possuía prática de confeccionar tranças afro, o oficinairo UFRGS Henrique Pascoal sabia cortar cabelo, as oficinairas UFRGS Ketelin Abbady, Ana Eberhardt e Ana de David fizeram as pinturas, a oficinaira UFRGS Mayura Mattos auxiliou com a pintura das unhas, e eu me encarreguei de distribuir os kits com preservativos e lubrificantes, além de debater sobre o cuidado e prevenção em saúde sexual. Os demais oficinairos UFRGS e pop.rua ficaram responsáveis pela confecção dos cartazes para chamar participantes, coletar assinaturas e dialogar sobre autoestima e autocuidado. A oficina terminava com uma grande roda de capoeira guiada pelo oficinairo pop.rua Ale Rocha, e algumas vezes contou com a famosa roda de samba, coordenada pelo Digão.

#### Oficina de Escuta Sensível do Corpo

A oficina de escuta sensível do corpo, surgiu como uma “carta na manga”, na metade do projeto. Queríamos uma atividade-artística que pudesse ser realizada tanto em espaço aberto quanto fechado, e ministrada por no máximo 3 oficinairos, considerando a quantidade de demandas que os participantes estavam envolvidos. Fizemos um levantamento dos locais que já havíamos realizado atividades, e achamos importante nos

focar nos CAPS. Os oficinairos pop.rua traziam a questão que muitas pessoas sofriam de ansiedade e depressão durante o tratamento contra o álcool e drogas, além de que algumas pessoas em tratamento possuíam dificuldades cognitivas. Essa oficina foi dividida em dois momentos: o primeiro, em uma sequência de exercícios, que envolviam técnicas de massagem e automassagem, alongamentos e práticas de respiração aprendidas na faculdade de Teatro, e nas práticas de capoeira que o oficinairo pop.rua Ale Rocha ministrava. O segundo momento, dinâmicas de propôr um movimento, e os demais imitarem, e um “jogo da bolinha adaptado” onde ao jogar a bolinha para o colega, o participante deveria proferir uma palavra ligada ao cuidado de si e/ou do outro. Após o jogo, o oficinairo pop.rua Ale Rocha passou uma sequência de movimentos da capoeira, e no fim, criou-se uma roda com os movimentos aprendidos. A oficina também buscou estabelecer um momento de olhar para si, acalmar a mente e o corpo, e também, de cuidar e se comunicar com o outro, priorizando o toque, e utilizando a fala o mínimo possível.

Abaixo, uma tabela com as atividades e a metodologia adotada na construção dessas práticas:

<b>Atividade artística</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Local</b>
BLOCO C.A.P.S. (Carnaval, alegria e promoção da saúde)	Paródias de marchas populares de carnaval para falar sobre situações cotidianas das pessoas em situação de rua	Viaduto do Brooklyn, viaduto Silva Só, praça Souza Gomes.
Sketch “Tuberculose”	Baseado no Teatro-fórum de Augusto Boal, pequena sketch que fala sobre os perigos da tuberculose e os modos da pop.rua se prevenir.	Viaduto da Conceição, posto Santa Marta, posto Bom Jesus e viaduto do Obirici.
Oficina de embelezamento e cuidados de si	Corte de cabelo, embelezamento de unhas, maquiagem, pinturas e desenhos para crianças;	Escola Porto Alegre, vila Cachorro Sentado, vila Cruzeiro.

Oficina de capoeira	Introdução aos movimentos básicos de capoeira, alongamentos, exercícios de respiração	Praça Alexandre Zacchia, praça Pinheiro Machado
Oficina de escuta sensível do corpo	Introdução a aquecimentos e alongamentos corporais, automassagem, jogos teatrais (imitar/propor movimentos), jogo da bolinha. Introdução de movimentos da capoeira.	CAPSadIII, Centro Pop

Um aspecto fundamental que perpassou todas as atividades, foi a questão de adaptar o espaço e a linguagem em determinados locais: o bloco de Carnaval, por exemplo, quando apresentado em uma grande praça, mas com pouca circulação de pessoas, teve de ser reestruturado de maneira que todos os que estavam ali presentes pudessem se inteirar acerca do que estava acontecendo. Improvisar, se adaptar instantaneamente apesar dos percalços, pode ser uma das questões importantes a serem mencionadas referentes à rualogia (ROCHA, Flores da, 2019). Deste modo, os saberes sociais da pop.rua, me auxiliaram a pensar nos percalços que podem surgir nas dinâmicas teatrais em sala de aula, e também passíveis de acontecer nos espetáculos de rua e intervenções urbanas, onde se faz necessário um pensamento rápido sem que a ideia se perca. **A improvisação, o jogo, o “saber se virar”, são descritos pelosicineiros pop.rua como saberes que as ruas lhes trouxeram; aprendizagens a partir da experiência de estar na rua, que só quem está na rua entende.** Ao meu ver, estas atividades realizadas fortaleceram um modo de diálogo com a população em situação de rua que nos torna mais próximos. Um diálogo afetivo, que as artes podem proporcionar a partir de suas práticas, nas quais a escuta pode estar presente mesmo que só em alguns momentos. Ainda que não fosse expressado nada verbalmente, os momentos de escuta atenta os quais as pessoas em situação de rua nos destinaram apontam para o fato de que a expressão artística/ performática que fazíamos uso chamou a atenção, mesmo que por um lapso de tempo. Entendo que houve aí um diálogo a partir de uma outra ordem que talvez possamos nomear como via sensorial. Penso então que as práticas teatrais podem se apresentar como uma possível metodologia não-convencional de diálogo com a

população em situação de rua. Me pergunto: será que seria possível afirmar que as práticas artísticas e/ou teatrais poderiam colaborar para um diálogo mais efetivo entre a pop.rua e as pessoas da área da saúde? Como?

Outro aspecto interessante que a rua apresenta é a sua capacidade de espaço aberto para a expressividade. Em outras palavras, a rua junto com a população de rua me apresentou um espaço de ruptura, ao entrar em contato com corpos totalmente diferentes daqueles que estava familiarizada. Corpos esses segundo o que percebi que vivem em outra lógica, uma lógica de **entusiasmo**, **transgressora**, onde mesmo sendo marginalizados e excluídos de algumas políticas públicas, se organizam nas ruas de maneira autônoma, buscando sobreviver às mais diversas intempéries a partir de suas próprias experiências. Criam vínculos, e em alguns casos até mesmo acolhem pessoas que fugiram de seus lares devido à situações de violência doméstica e preconceito, criando novos laços. Essas vivências afrontam padrões que desconsideram os modos da pop.rua de interpretar e viverem o mundo, taxando-os como pessoas que “estão nas ruas porque querem, ou porque não sabem aproveitar oportunidades”. Suas existências, que fazem jus ao direito de ir e vir e de ocupação dos espaços públicos, revelam conflitos com a ordem vigente de uma sociedade intolerante e produtora de comportamentos homogêneos, o que faz aumentar a estigmatização destes corpos. Essas produções de diferentes campos artísticos, me faz pensar a rua e as pessoas que a ocupam como corpos transgressores, que propõem e possuem modos alternativos de se organizar e de ler o mundo. Contribui também para se pensar em processos de aprendizagem para além das ruas, seja nas instituições de ensino alternativas, e até mesmo nas escolas tradicionais, pois instiga a valorização da autonomia do sujeito no ato de construir e compartilhar conhecimentos.

## **2.Quais saberes as pessoas em situação de rua demonstram ter em relação à prática teatral?**

Ao longo do projeto, pude me deparar com o fato de que muitas pessoas em situação de rua já haviam trabalhado em profissões tais como: cuidadores de carro, vendedores ambulantes, o que requer um nível diferenciado de expressividade corporal e projeção vocal. Não frequentaram escolas de arte, foi a necessidade e a luta pela sobrevivência, e o local - a rua- o seu principal espaço de aprendizagem. Além de

conhecerem a geografia da cidade, elas o usam como modo de sobrevivência e o dominam como ninguém. Sabem como "performar" em um determinado lugar, sabem a quantidade /estimativa de público. Sabem também os locais onde diferentes grupos frequentam, sabe como a rua funciona de dia e de noite. A pressão social da ordem vigente em vigiar e perseguir estes corpos e até mesmo as condições de vida precárias que as ruas oferecem, pressiona-os a improvisarem de acordo com a situação imposta. Improvisar a partir da experiência da necessidade. Pode-se traçar um paralelo quando se fala em improvisar, pois tanto no teatro quanto nas situações de necessidade, a criatividade vem a partir da necessidade de dar uma resposta para uma determinada situação, em um determinado local, para determinada(s) pessoa(s).

Durante o projeto, sempre antes de começar a reunião entre osicineiros UFRGS e pop.rua, nós conversávamos sobre nossas histórias de vida. Todos osicineiros pop.rua foram unânimes ao dizer que foi através de sua relação com as artes, que suas vidas melhoraram. Para não expô-los, não irei descrever o nome de quem contou essas histórias, mas através do relato de umicineiro, o tratamento contra o alcoolismo no CAPS não bastava: foi a relação que desenvolveu com a música, através das oficinas de musicalização no CAPS, que o seu quadro passou a melhorar. Frequentemente assíduo dessas oficinas, passou a estudar o violão e pequenos instrumentos de percussão. Quando sua situação financeira melhorou, e conseguiu se estabelecer em um local fixo, ficava em casa memorizando as partituras, desenvolvendo coordenação através de exercícios para estimular as articulações (os mesmos que realizei no DAD, durante a graduação, nas aulas de Corpo e Voz). Outroicineiro pop.rua que buscou tratamento contra álcool e drogas, desenvolveu uma rotina de exercícios físicos para controlar a ansiedade e cuidar do corpo. Essa sequência de exercícios também é praticada por nós, atores de teatro, como forma de resistência física no palco, para manter a atenção e o fôlego, especialmente quando se trata de voz.

A criação das nossas atividades artísticas-pedagógicas, tais como a Sketch da Tuberculose, e o Bloco CAPS, foram possíveis porque osicineiros pop.rua já traziam consigo saberes em relação à prática teatral: as novelas que assistiam, traziam uma compreensão do que é uma personagem, de que são necessários criar trejeitos, gestos e alterar a fala para construir um outro/uma outra. Sabiam também que é necessário um tom de voz muito mais forte e alto para se comunicar com a multidão, e que a música era uma importante aliada para chamar a atenção. Quando estávamos na fase de construir as

atividades, o oficinairo pop.rua Alex Silva trouxe noções sobre a recepção teatral, de que na rua era necessária uma intervenção cênica de curta duração: pois “o sujeito está na fila para almoçar, então tem que ser algo breve para que ele assista e não precise de deslocar e perder o lugar. Depois de almoçar a estimativa é que o pessoal debande, daí não teremos público...” O oficinairo Digão, já trazia consigo toda uma gama de saberes em relação aos instrumentos de percussão, que aprendera com “antigos amigos”, e até mesmo “batucando nas latas e nos objetos que encontrava nas ruas”. Essa relação com a música, sua noção com o ritmo e sua habilidade de fácil comunicação, instigou aos participantes das oficinas, ao final do Bloco CAPS, a cada um pegar um instrumento e tocar. Ou seja, além de abordar seus pares para buscarem o cuidado em saúde, ele promovia um momento de prática artística-musical, para pessoas que muitas vezes não tiveram acesso a essa prática artística.

Outra possibilidade de relação das artes com o cotidiano de rua, que pode ser citado como exemplo, é através da criação do **Jornal Boca de Rua**, como uma iniciativa de organização autônoma, de geração de renda para a pop. Rua. Todos os oficinairos pop.rua já trabalharam ou ainda trabalhavam na época do projeto no “Boca”. Criado no ano de 2000, na cidade de Porto Alegre, a partir da colaboração de Rosina Duarte, da ONG ALICE (Agência Livre para a Informação, Cidadania e Educação), junto com pessoas em situação de rua e em situação de extrema vulnerabilidade, o jornal buscou retratar questões que perpassam o cotidiano da população em situação de rua, bem como registrar suas lutas, a conquista de seus direitos, e os seus pontos-de-vista acerca da cidade de Porto Alegre, do Brasil e do mundo. Em 2001, aconteceu sua 1ª edição, e atualmente, o jornal está disponibilizado em versão digital, atingindo a marca de 80 produções, que circulam nas ruas, nas escolas, e nas universidades. A construção desta narrativa demonstra que a pop.rua, além de possuir voz, também possui um senso crítico em relação ao mundo, e que apesar das inúmeras tentativas de silenciamento, segue ecoando nos mais diversos espaços. A repercussão do Boca de Rua foi tanta, que lhes rendeu até a produção de um documentário, intitulado **De Olhos Abertos**. A direção é de Charlotte Dafol, colaboradora e participante do Jornal, e a produção é da ONG Alice. O documentário já foi exibido em diversas partes do Brasil, e até mesmo fora dele, como nos Estados Unidos, França e Reino Unido. Participando da venda dos jornais, os oficinairos entre as outras pessoas que lá trabalhavam, tinham a ciência de que era necessária uma impositação de voz e uma gesticulação que atraísse clientes, além de ter que memorizar

informações sobre o jornal, e lidar com dinheiro, o que requer o uso da lógica, por exemplo.

### **3. Como se dá a construção dos saberes artísticos no não-lugar da rua?**

A mística dá sentido a luta popular. Ela reforça a união em torno dos ideais de uma sociedade fraterna e igualitária, e pode estar sempre presente na organização do movimento, em suas reuniões, nas manifestações públicas, ou entre outros espaços. Em geral ela se manifesta na forma artística, como o teatro, o desenho, a dança. O canto tem representado um aspecto agregador importante da mística do MNPR. (Cartilha de Formação do Movimento Nacional da População de Rua, p. 36)

Muitos saberes artísticos, quando não herdados através de antigos parentes e amigos, ou até de alguns momentos da própria escola em que frequentaram, vem da necessidade de sobreviverem nas ruas. Muitos se dão através da arte do encontro: é aprender a tocar um instrumento com alguém e passar esse conhecimento adiante é fazer dele um saber artístico, o da música, por exemplo. Este saber se torna, ao mesmo tempo, algo que pode configurar uma tática para tornar os dias mais suportáveis nas condições adversas da rua. É reinventar, reconfigurar objetos cotidianos (na maioria das vezes em condições insalubres), como receptáculos e ressonadores musicais. É lembrar-se de uma música que ouviu, ao limpar a vidraça de um carro, e depois reproduzir, ora mentalmente, ora oralmente, ora ritmicamente. É lembrar da novela, das personagens, do que é cômico ou não, ao assistir um trecho na vitrina de uma loja, onde são muitas vezes banidos e impedidos de entrar. É saber "o que funciona na rua", o que prende a atenção ou não. É ensinar como dialogar com os seus pares, como criar modos alternativos para que a comunicação não caia na conversa do falso assistencialismo, ou da culpabilização das pessoas em situação de rua a partir de uma perspectiva meritocrática. É ensinar a ouvir a trajetória peculiar do outro, a aprender a exercer a escuta, e como consequência, a empatia, o afeto, a amorosidade.

O oficinairo pop.rua, Darcy Vieira, contou que a sua paixão pela música vem desde criança, de quando assistia videoclipes de rock na televisão. Interessava-se especialmente pelo modo como os músicos manipulam os instrumentos, fato este que o fez escolher trabalhar com a música desde muito cedo. Quando trabalhou como office boy, nas horas vagas frequentava bibliotecas para estudar música clássica, uma de suas paixões. Antes de integrar o projeto de Capacitação para a Promoção da Atenção Integral da Saúde da Pop.rua no SUS, trabalhou no projeto “Mais Dignidade”, da prefeitura de Porto Alegre, que também atendia a pop.rua, utilizando a música como uma ferramenta de bem estar p/ a pop.rua, bem como uma prática de comunhão e de agregação entre pares. Darcy Vieira também já fez cursos de reiki e participou ativamente do Conselho Municipal de Saúde. A sua arte funcionou como uma ponte para ouvir as demandas da pop.rua, e encaminhá-las aos órgãos de competência. Sua trajetória se comprometeu com o serviço social prestado a pop.rua e com uma arte política, onde a música transformou o cotidiano dessa população.

Desde o primeiro momento de elaboração do projeto, lá no ano de 2017, a pop.rua, representada pelo Movimento Nacional da População de Rua, defendia a necessidade de atividades artísticas como uma abordagem mais sensível à pop.rua, mas que essas atividades deveriam ser desenvolvidas pela própria pop.rua, e não apenas pelo “pessoal da academia”, pois a pop.rua possui conhecimentos em práticas artísticas-culturais. O MNPR, fala sobre a presença da mística como um combustível da luta, além de agregar os seus participantes, ou seja, a pop.rua, possui uma relação com as artes através de suas lutas, lutas essas que mesmo cotidianas, alcançaram resultados como a participação da pop.rua em Conselhos e Conferências de Assistência Social que acontecem em vários lugares do Brasil, tais como as grandes metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo. Diferente de como os meios de comunicação de massa a retrata, a pop.rua sabe se articular, falar e reivindicar seus direitos. Não esperam que ninguém fale por eles, mas sim, eles próprios, é que buscam ser os sujeitos de suas histórias. O projeto de Capacitação para a Promoção da Atenção Integral da Saúde da População em Situação de Rua no SUS, ao ouvir as demandas da pop.rua, e buscar artistas da pop.rua para que pudessem dialogar com seus pares, e estimulá-los artisticamente através das oficinas, que muito mais do que apresentar para um público, visou construir junto, popularizar os meios de música, além de criar um espaço de fala e escuta da pop.rua. Ou seja, uma prática artística que garantisse o protagonismo da pop.rua, e valorizasse os seus saberes e as

suas capacidades de se comunicar, refletir e apontar possíveis sugestões de transformação social. Podemos vislumbrar a construção autônoma desses conhecimentos, através da história do oficinairo pop.rua Alexandre Rocha, professor de capoeira, arte-educador, educador social.

Após treinar capoeira com o Grupo Cultural Nação, em 1989 e 1990, recebendo a corda de graduado em 1996 através do mestre Tucano, desenvolveu de 1994 até 2006 um trabalho com crianças carentes na Cruzeiro, no projeto assistencial do Sesc ( Serviço Social do Comércio) de Ipanema, no Núcleo Cultural Nossa Senhora do Brasil. Em 2018, após contato com a professora Gabriela, se integrou ao Projeto de Capacitação. Desenvolveu de maneira autodidata o trabalho com artesanatos, macramê e a elaboração de atividades pedagógicas para pessoas em situação de vulnerabilidade social. O seu trabalho no projeto funcionou como uma espécie de “missão” para encaminhar a pop.rua para os serviços de referência, a fim de contribuir para a melhoria de vida dessas pessoas. Ale, como é ou prefere ser chamado, criou uma fórmula para resumir a sua relação com as artes, a educação e a defesa da pop.rua e de pessoas em situação de extrema vulnerabilidade:  $A^2$  (amor+acolhimento) +  $C^3$  (carinho + compreensão + ciência) + E (educação) = respeito. Fórmula essa inventada por ele, sem ter aprendido em nenhuma escola, mas na própria vida. <sup>3</sup>

A articulação da coordenadora Maria Gabriela entre a pop.rua, os centros de atendimento em saúde e a sua defesa de uma arte popular, foram de extrema importância

<sup>3</sup>- Extraído da entrevista que realizei com o oficinairo pop.rua, arte-educador e educador social Ale Rocha, em abril de 2022.

para que o projeto pudesse propor uma comunicação mais aberta, sensível e horizontal com a pop.rua, combatendo algumas desconfianças, e reconfigurando a rua como um espaço em potencial para a aprendizagem em saúde e arte, palestras sobre as especificidades e o contexto da pop.rua, a necessidade de aproximação desta população, fez com que a arte e as práticas artísticas que tínhamos conhecimento e contato na universidade, sofressem uma reconfiguração que pudesse abarcar a heterogeneidade dessas pessoas. O projeto, o contato com essas pessoas apresentou a pop.rua sob um prisma totalmente diferente, onde o diálogo vertical, e as práticas teatrais precisaram ser repensadas a partir da própria experiência na rua, por intermédio das práticas. É através do contato com a professora Gabriela, e também contando com o estímulo da Escola Porto Alegre (EPA), que Rodrigo, de apelido “Digão”, ingressou no projeto. Semi-letrado, com dificuldades para ler e escrever, ele sabe tocar pandeiro entre outros instrumentos de percussão desde sua adolescência. Atualmente, é professor de percussão e guardador de carros em um dos bairros de Porto Alegre. Trabalha também com a confecção de tranças afro, e corte de cabelo. Apesar de possuir dificuldades em decodificar as palavras escritas, Digão compreende e ensina a linguagem musical através de uma escuta sensível da música que praticou e exerceu quando morava nas ruas.

O convívio com a pop.rua, demonstrou que as táticas encontradas e exercidas pelas leis vigentes são infrutíferas, a medida em que inviabilizam a pop.rua, impossibilitando-os de protagonizarem suas lutas, e serem sujeitos de suas próprias histórias. A abordagem principal para que este diálogo horizontal acontecesse, era reconhecer que a pop.rua tem suas especificidades, seus saberes éticos, políticos, sociais e culturais. Dialogar, enquanto um exercício de se remodelar para ser ouvido pelo outro, para despertar sua empatia. Prática similar às quais os artistas buscam para se conectar ao seu público. Por isso, a importância de um novo modelo de abordagem que criamos ao longo do projeto, que sempre carregava consigo algum elemento artístico: uma música, uma pequena esquete, que pudesse despertar a conexão e o desejo de se comunicar pela via do sensível, em um espaço em que todos pudessem falar e ser ouvidos. Durante estas práticas, formavam-se pequenos grupos que tomavam de empréstimo os instrumentos e criavam na efemeridade do momento uma roda de samba, uma roda de choro, uma roda de capoeira, transformando a rua como um palco de pequenas manifestações artísticas, elaboradas coletivamente, sem um pré-acordo, que aconteciam devido a uma extrema sensibilidade do momento e conhecimento do lugar.

As oficinas de capoeira e a roda de samba desenvolvidas pelosicineiros pop.rua junto aos oficineiros UFRGS, demonstraram que o espaço público – que a princípio é de direito de todos usufruírem -, na realidade é permitido apenas para alguns, através de políticas de "varreduras" e de higienização, como praticadas quando da nossa recém-proclamada República que expulsava e bania os corpos (sobretudo negros), de ir e vir. Isto porque, por intermédio destas presenças na rua são exercidas funções artísticas, de diversão, descontração, e sobretudo de **ocupação**. Percebemos nessas práticas, a presença de uma arte popular, onde os corpos reivindicavam o seu direito de ali estarem, questionando e negando a ordem vigente. A pop.rua, apresenta-se como um segmento social de organização autônoma que além de lutar pela dignidade, saúde, educação e lazer de seus pares, reivindicam e tomam a cultura para si, ao descentralizar o fazer artístico, e promoverem uma arte aliada ao cuidado de si e do outro, além de conscientizar a pop.rua sobre os seus direitos enquanto cidadãos.

### **Considerações Finais**

A partir da experiência que vivi como oficineira de teatro de um projeto que trabalhou com pessoas em situação de rua, passei a perceber a importância de projetos de extensão universitários como modos de cuidar e visibilizar o movimento da população em situação de rua, pois, se o ambiente acadêmico busca se apresentar enquanto um espaço democrático de construção de saberes e meios de aprendizagem, então falar sobre os saberes da população em situação de rua também são possibilidades de transformar e repensar a educação, a partir de saberes sociais deste grupo. Projetos como esses, impulsionam a autoestima da pop.rua, atualmente cada vez mais fragilizada em virtude do descaso dos governos em relação às políticas públicas, dos desmontes e dos descumprimentos dos programas sociais. Falar da pop.rua na universidade é fortalecer o cumprimento destas políticas, o que possibilita que esta população possa sobreviver de maneira mais digna, conforme previsto pela constituição: em outras palavras, aquilo que está redigido no papel, se torne uma realidade, para além de assistencialismos, mas antes a própria população em situação de rua seja reconhecida como pessoas capazes de compor e transformar suas realidades, e que seus saberes sejam tratados de forma equânime em relação aos saberes hegemônicos.

Convém frisar também a possibilidade das práticas teatrais serem utilizadas por estudantes de artes, professores e também profissionais da saúde enquanto mecanismos alternativos de diálogo com esta população, na busca por uma comunicação mais efetiva e de reciprocidade. Ao que tudo indica, práticas convencionais ortodoxas mais afastam do que convidam a pop.rua a se aproximar daquelas e daqueles de quem desejam se aproximar. Como atesta bell hooks,

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão de reciprocidade (hooks, 2013, p.21-22).

Dentro dessa experiência, a rua, o espaço público junto com a prática artística presentes nas trajetórias de indivíduos da pop.rua, se apresentou numa nova perspectiva, sob um novo viés. Um viés para o qual foi necessária uma reconfiguração da pedagogia teatral na dinâmica das ruas. As práticas de corpo/voz exercidas nas aulas de corpo e voz na universidade, ganhou uma nova roupagem ao serem experimentadas nas ruas, na amplitude do espaço, ao lado de pessoas que já vinham se experimentando artisticamente, mas sem terem passado por oficinas de teatro e/ou formação acadêmica. A ideia de que eu fazia de “ensinar teatro para a pop.rua” modificou-se à medida em que os saberes se articulavam coletivamente, a partir do diálogo e da escuta. A elaboração das atividades só foi possível, devido a criação de um espaço horizontal, onde todos foram sujeitos ativos no processo criativo e no produto final. A própria noção de um saber artístico sofre uma modificação, pois esses saberes estão além dos muros das universidades, e são exercidos e partilhados por pessoas cuja escola foi a própria vida. Quando falo das experiências vividas e nas práticas artísticas, no projeto de Capacitação Para a Promoção da Atenção Integral da Saúde da Pop.Rua no SUS, eu falo de uma arte política engajada na luta por um processo de construção social mais digno para todos os segmentos sociais. Ao ocuparmos às ruas, denunciemos os crimes de Estado cometidos contra à pop.rua, bem como a ausência de um projeto educativo popular nas escolas e em todos os territórios educacionais, que trabalhassem com essa população a partir de suas potencialidades, de suas lutas e de seus desejos.

Existe, na atualidade, um deslizamento dos eixos políticos militantes para aspectos técnicos e estéticos, mas isso em vez de negar as dimensões políticas do ato criativo, torna o espetáculo instalado na cidade uma prática que discute a noção de comunidades transitórias e suas tramas de poder, como também discute o espaço público como sítio criativo e lúdico. (CARREIRA, André, p. 24).

Reconhecer a existência da população em situação de rua, e visibilizar suas lutas é um modo de pressionar o Poder Público a se posicionar e cumprir com o seu papel de assegurar a sobrevivência e os direitos básicos desta população. As artes e o trabalho dosicineiros dentro deste projeto de capacitação se apresentaram como ferramentas visionárias de transformação social e pensamento crítico, pois a própria narrativa sensorial já transgride a lógica racional - instrumental dos discursos naturalizados como corretos, o que muitas vezes acaba excluindo e evitando que se ouça a voz e as demandas dos corpos transgressores. Nesse aspecto, o teatro e as práticas artísticas desenvolvidas, bem como o processo de criação coletiva ao meu ver, funcionaram como uma nova metodologia de se pensar e construir junto com as pessoas em situação de rua. Além de possibilitar um melhor entendimento sobre a dinâmica e a recepção teatral com essas pessoas, pude aprender sobre a pedagogia desenvolvida pela Escola Porto Alegre (EPA), que alia a educação popular junto a práticas de subsistência da pop.rua em prol do bem-estar social. Conheci o Jornal Boca de Rua, e percebi que a pop.rua já possuía um longo histórico de lutas, conquistas e desafios através do Movimento Nacional da População de Rua.

Como futura professora de Teatro, acredito na importância de trazer o debate da ruaologia para dentro do espaço acadêmico, e, em projetos que estimulem a educação da pop.rua através das artes. É de suma importância valorizarmos um diálogo sensível, que propõe novos modos de comunicação, estimulando a ideia de que todos possuem saberes, e que todos são capazes de aprender. Acredito na importância de projetos de extensão universitários, como esse, para que a pop.rua siga educando os seus pares, e assim se desenvolvam mais perspectivas pedagógicas no não-lugar das ruas. Acredito também na importância de trazer a pop.rua para a universidade, para que contribuam com a construção e a reflexão de novas práticas teatrais a partir de seus saberes sociais, para que exerçam o seu protagonismo na universidade também, e sejam reconhecidas enquanto sujeitos de suas histórias, e não objetos de análise da narrativa de outrem. A rua é uma escola, como apontou osicineiros pop.rua. Então, que através desse trabalho, enquanto aluna de um curso de graduação, eu possa refletir sobre a pedagogia teatral a

partir dessa nova escola, e a partir do trabalho desenvolvido ao lado de seus alunos-viventes.

Minha experiência nesse projeto de capacitação, modificou a minha perspectiva em relação à pop.rua: antes, o que para mim se tratava de um grupo social específico, que não possuía acesso à prática artística agora é percebido como um conjunto de pessoas que possuem noções artísticas, e que produzem uma arte de cunho social, além de se organizarem politicamente, de maneira autônoma através de seu próprio movimento (MNPR) e da participação em outros movimentos sociais. A arte modifica e alimenta o cotidiano das lutas da pop.rua. Foi acreditando neste ato de transformação do olhar a partir da relação com à pop.rua, é que esse trabalho foi desenvolvido.

## Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BERTÃO, Ana, LIMA, Carla, DUARTE, Tânia. **A Revelação - uma experiência de Teatro-Fórum no âmbito da educação e intervenção social**. \_\_\_\_\_Sensos. Revista Multimédia de Investigação em Educação/Multimedia Journal of Reserach in Education, 2017.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Garamound, 2009.

CARRERA, André. **Sobre um ator que invade a cidade**. Volume 2, nº2. João Pessoa Moringa, 3-26 julho/dezembro de 2011.

FERREIRA, Marcelo. **A rua não é um romance, afirma ex-sem teto e idealizador de Escola de Redução de Danos**. Brasil de Fato, 2014. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/14/a-rua-nao-e-um-romance-afirma-ex-sem-teto-e-idealizador-de-escola-de-reducao-de-danos>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 1ª edição. São Paulo: editora WMF Martins Fonte, 2013.

MERELES, Carla. **Pessoas em situação de rua: a complexidade da vida nas ruas**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/pessoas-em-situacao-de-rua/>

MONTEIRO, Danielle, CHAGAS, João Victor. **Pandemia muda perfil da população de rua e alerta para necessidade de políticas públicas**. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51989>. Acesso em: 02/03/2022, às 21h 49 min./

RIBEIRO, Djamilia. **O pacto branco e a maldição da mediocridade**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-pacto-branco-e-a-maldicao-da-mediocridade-por-djamila-ribeiro/>.

Acesso em: setembro de 2018

RUA, Movimento Nacional da População de RUA. **Cartilha de Formação do Movimento Nacional da População de Rua.** Disponível em: [https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/MNPR\\_Cartilha\\_Direitos\\_Conhecer\\_para\\_lutar.pdf](https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/MNPR_Cartilha_Direitos_Conhecer_para_lutar.pdf) . Acesso em: abril de 2022

SILVA, Carla Regina, SILVESTRINI, Marina Sanches, AVELAR, Mariana Rossi, OLIVEIRA, Dáffini Henrique de. **Um corre inusitado: arte, cultura e a população em situação de rua.** Pelotas: Expressa Extensão, 2015.

## Anexo I

Tabela síntese dos elementos desenvolvidos e observados no projeto de Capacitação para a promoção da atenção integral à saúde da população em situação de rua no SUS. Esta tabela foi elaborada como um dos procedimentos de pesquisa deste TCC em Teatro visando fazer uma espécie de síntese do empírico no processo de produção e execução das atividades artístico-culturais com a pop.rua.

<b>Categorias</b>	<b>SABERES TEATRAIS UTILIZ.</b>	<b>NOÇÕES ARTÍSTICAS DOS PARTICIPANTES</b>	<b>MATERIAIS CÊNICOS</b>	<b>INDUMENTARIA</b>
	Teatro de rua; Teatro Fórum: produção de placas anunciando a personagem, o local; Teatro do Oprimido; Frontalidade e tridimensionalidade na performance de rua; Voz para a rua: exercícios de respiração, projeção de voz. Aquecimentos: articulação, músculos, força abdominal. "Jogo da bolinha", criação de movimentos (cada um propõe e todos	Arte terapia; Música (composição de paródias a partir de marchas populares de carnaval, com a temática do cuidado da saúde da população de rua e redução de danos; Capoeira (exercícios de ritmo, musicalidade, aliar o movimento ao ritmo); Carnaval (criação do Bloco C.A.P.S. carnaval, alegria e promoção da saúde); cortejo de rua (teatro e Carnaval); automassagem, massagear o colega, grafite, desenhos corporais.	Objetos grandes e coloridos para captar a atenção na rua de modo que os seus significados fossem rapidamente apreendidos pelos espectadores e transeuntes; Objetos de fácil manipulação: tiaras, perucas, gravatas, chapéus, placas com o nome das personagens, do local e da situação; Instrumentos musicais: surdo, pandeiro, agogô, buzina, violão (emprestador	Camiseta do projeto (para identificação dos participantes, conforme a determinação da coordenadora professora Maria Gabriela); Roupas confortáveis para o trabalho físico; Roupas neutras para a identificação das personagens (proposta pelos oficinairos e oficinairas UFRGS aos oficinairos pop.rua)

	<p>imitam);          Construção da          roda (todos se          olham, se          comunicam,          falam e          escutam),          criação de          personagens          (aliados ao          cotidiano da          pop.rua)</p>		<p>pelo professor          Roberto          Amorim), e          berimbau          (emprestado          pelo oficineiro          pop.rua          Alexandre).          Confecção          coletiva do          Estandarte do          “Bloco C.A.P.S.”          (vice-coordena          dor Roberto          Amarin, e as          oficineiras da          UFRGS          Suzanne,          Mayura e          Pâmela).          Distribuição de          preservativos          masculinos e          femininos,          gel lubrificante          para a          promoção do          cuidado da          saúde sexual e          prevenção de          doenças.</p>	
			<p>Camiseta do          projeto (para          identificação          dos          participantes);          Roupas          confortáveis          para o trabalho          físico; Roupas          neutras para a          identificação          das          personagens.</p>	

Categorias	DRAMATURGIA	ATIVIDADES PEDAGÓGICAS	ATIVIDADES ARTÍSTICAS	ESPAÇOS CÊNICOS
	<p>Dramaturgias do corpo; Enredos cujo foco era a pop.rua e situações dos seus cotidianos, práticas de autocuidado e redução de danos; Enredos informativos sobre os direitos sociais e os locais que assistem a pop.rua</p>	<p>Visita a Ocupação Baronesa; Palestras sobre cuidado em saúde, redução de danos, geração de renda para a pop. Rua, mulheres em situação de rua, população negra em situação de rua; população LGBTQIA em situação de rua; distribuição de lanches; confecção de cartazes coletivos, distribuição de kits de cuidado da saúde sexual, reuniões semanais e quinzenais para programação das oficinas e confecção de materiais, ensaios para os sketches, visitas prévias aos espaços para as atividades artísticas.</p>	<p>Bloco C.A.P.S.; "Sketch da Tuberculose", Oficina de Capoeira, Oficina de Embelezamento e Cuidado de Si" (confecção de tranças, corte de cabelo, maquiagem, embelezamento de unhas, pinturas e desenhos corporais para crianças), Oficina de Grafite.</p>	<p>Ginásio da Escola Porto Alegre (EPA) Salas do Centro Cultural da UFRGS; Salão de Atos da UFRGS; Praça Alexandre Zacchia; Praça Pinheiro Machado; Praça Souza Gomes; Posto Bom Jesus; Posto Santa Marta Viaduto do Obirici, Viaduto da Conceição, Viaduto Silva Só, Viaduto do Brooklyn; Centro Pop, CAPS ad III, espaço comunitário da Vila Cachorro Sentado.</p>

## ANEXO II

Imagens de algumas atividades desenvolvidas ao longo do projeto de Capacitação Para a Promoção da Atenção Integral da População em Situação de Rua no SUS

Encontro dos agentes pop.rua e agentes UFRGS, março 2019.





Créditos: Charlote Dafol

Bloco C.A.P.S. no Prato Feito das Ruas (Viaduto do Brooklyn, 27/04/2019):





Créditos: Charlote Daffol

Esquete da Tuberculose (Posto Santa Marta, 13/06/2019)







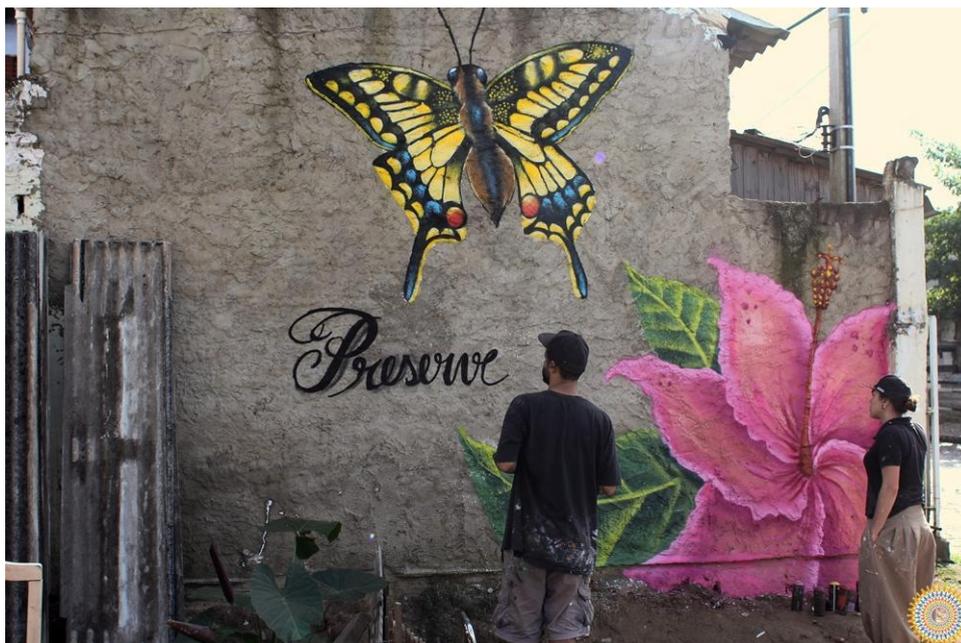


Créditos: Charlote Daffol

Oficina Grafite (Cruzeiro, 17/06/2019)







Créditos: Charlote Dafol

Oficina de Capoeira (Praça Alexandre Zacchia, Cruzeiro, 26/06/2019)









Créditos: Charlote Daffol

Encontro de encerramento do projeto (Sala 2 do Salão de Atos da UFRGS 16/07 e 17/07 de 2019)







Créditos: Charlote Dafol

